

## **IMIGRAÇÃO EM TEMPOS DE GUERRA. COLONIZAÇÃO JAPONESA EM SÃO PAULO E OS PARADOXOS DO "SER IMIGRANTE" NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940.<sup>1</sup>**

**Odair da Cruz Paiva**

*Professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Campus de Marília e Pesquisador do Núcleo de Estudos de População (NEPO) UNICAMP e do Laboratório de Estudos Sobre a Intolerância (LEI) USP.*

*De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento que atravessa suas fronteiras e pisa em seu território; o imigrante "nasce" nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. Esta é outra versão do etnocentrismo: só se conhece o que se tem interesse em conhecer, entende-se apenas o que se precisa entender, a necessidade cria o conhecimento.<sup>2</sup>*

Os deslocamentos populacionais no tempo presente apresentam uma característica particular se comparados com aqueles que vigiam (desde o século XIX) até os anos 1970. Marcadas pela pluridirecionalidade, as migrações contemporâneas tem inserido no mapa dos deslocamentos países de larga tradição emigrantista como o caso da Espanha, Portugal e Itália.

A inversão dos fluxos migratórios direcionados agora para dentro das fronteiras desses países, tem gerado – desde os anos 1970/80 – E de forma crescente, a produção de preconceitos aos imigrantes, muitos deles baseados na xenobolia e intolerância ao estrangeiro. Vou apontar breves considerações sobre o caso italiano, apenas como forma de elucidar a questão. A ação da *Lega Nord* nos últimos anos tem sido bastante incisiva na recusa em aceitar a fixação dos estrangeiros no país.



<sup>1</sup> Ensaio produzido para ap Faculdade de Filosofia e Ciêi 30/09 e 1º./10 de 2008.

<sup>2</sup> **SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da USP, 1998. p.p. 16**

*Presenças do Passado*, realizado na stadual Paulista (UNESP) nos dias 29,

Seus argumentos estão expressos em panfletos distribuídos ruas – especialmente no norte do país – em propagandas veiculadas na imprensa italiana e mesmo mundial. Mais do que uma expressão xenofóbica de um pequeno grupo, a representação que a *Legia Nord* faz do estrangeiro expressa a preocupação de uma parcela significativa dos italianos com relação estes, considerados intrusos e, no limite, vistos como a origem de muitos dos *males* daquela sociedade.



Palestra Proferida na Mesa-Redonda Intitulada: 1908/2008. Imigração Japonesa - Emigração Brasileira: Ambiguidades da Incorporação dos Imigrantes na Sociedade Nacional.; Local: Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - Unesp; Cidade: Marília - SP; Evento: Seminário Presenças do Passado; Departamento de Ciências Políticas e Econômicas / Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais / Grupo de Pesquisa "Estudos da Globalização" da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília



Expressões de recusa ao estrangeiro não são, evidentemente, prerrogativa dos italianos na Europa. Este cartaz, veiculado recentemente nos órgãos de imprensa daquele continente, demonstra que o fenômeno é mais amplo.



Para Helion Pova,

Palestra Proferida na Mesa-Redonda Intitulada: 1908/2008. Imigração Japonesa - Emigração Brasileira: Ambiguidades da Incorporação dos Imigrantes na Sociedade Nacional.; Local: Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - Unesp; Cidade: Marília - SP; Evento: Seminário Presenças do Passado; Departamento de Ciências Políticas e Econômicas / Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais / Grupo de Pesquisa "Estudos da Globalização" da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília

*O imigrante como invasor poderia ser também pensado como inimigo simbólico que absorve as necessidades mais diversas de hostilidade, assim como inimigo estrutural, necessário que é à formação de identidades , do “nós” que aparece como exigência social. Neste sentido, os medos despertados pela imigração seriam reveladores da natureza de nossa sociedade, na qual há uma necessidade de estabelecer quem está “dentro” – com a garantia de certas “seguranças” – e quem, “vindo de fora”, pretende entrar e invadir, numa palavra, roubar as seguranças já conquistadas.*<sup>3</sup>



Essas considerações preliminares nos colocam algumas questões. Numa perspectiva ainda muito genérica, para nós que vivemos num país, onde a tradição imigrantista foi constitutiva da nossa história mais recente – considerando um tempo que se circunscreve a segunda metade do século XIX até o presente momento – é de se estranhar como um país como a Itália que *expulsou* milhares de seus compatriotas para a América possa fomentar formas de preconceito – mesmo que não sejam majoritárias – com relação aos imigrantes.

---

<sup>3</sup> **POVOA**, Helion. *Imigração na Europa. Desafios na Itália e nos países da área mediterrânica*. In: **PAIVA**, Odair da Cruz. **Migrações Internacionais Desafios para o Século XXI**. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007. p.p. 61



Esta estranheza é ainda maior quando pensamos que a Itália constitui-se como tal a menos de 140 anos na junção de reinos cuja existência secular marcava profundas diferenças lingüísticas e culturais entre os habitantes da península. De certa forma, a xenofobia italiana – mas não só – revela, na verdade, dilemas e contradições na *definição* e compreensão que os italianos tem sobre sua própria idéia de nação e nacionalidade.

Abdelmalek Sayad na obra, *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade* apontou que a imigração é um fato social completo. Em outros termos,

*É importante lembrar, dizer que a imigração é um “fato social completo”, única característica, aliás, em que há concordância na comunidade científica. E, a este título, todo o itinerário do imigrante, é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico que se dá, de certa forma, no cruzamento, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia, psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas como a antropologia em suas diversas formas (social, cultural, econômica, jurídica, etc.) a lingüística, sociolingüística, ciência política, etc.<sup>4</sup>*

Assim, a imigração ou a presença do *outro* no seio da comunidade nacional, tem um radical capaz de produzir um *debate* sobre a própria condição do *ser um nacional*. No Brasil, desde o final do século XIX, quando do fomento às políticas imigratórias, uma expressão desse problema já estava colocada.

Em 1891, um decreto editado pelo governo da República colocava no âmbito dos imigrantes indesejáveis os africanos e asiáticos – chineses e japoneses. O argumento básico era o de que este tipo de imigrante pouco contribuiria para a

---

<sup>4</sup> **SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da USP, 1998 p.p. 13.**

evolução de nossa nacionalidade por serem portadores de cultura, língua e religiosidade inassimiláveis no seio da pátria. Tratava-se de um tempo de insegurança na medida da recente libertação dos escravos e dúvidas com relação ao possível – e desejável para muitos de nossos governantes, juristas e médicos – branqueamento da população.

### **Decreto n. 528, de 28 de junho de 1890**

*Regulariza o serviço de introdução e localização de imigrantes nos Estados Unidos do Brasil*

*Art. 1º. É inteiramente livre a entrada, nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país, excetuados **os indígenas da Ásia, ou da África** que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderá (sic) ser admitidos de acordo com as condições que forem então estipuladas.*

*Art. 2º. Os agentes diplomáticos e consulares dos Estados Unidos do Brasil obstarão pelos meios ao seu alcance a vinda dos imigrantes daqueles continentes, comunicando imediatamente ao Governo Federal pelo telégrafo quando não o puderem evitar.*

*Art. 3º. A polícia dos portos da República impedirá o desembarque de tais indivíduos, bem como de mendigos e indigentes.*

*Art. 4º. Os comandantes dos paquetes que trouxerem os indivíduos a que se referem os artigos precedentes ficam sujeitos a uma multa de 2:000\$ a 5:000\$, perdendo os privilégios de que gozarem, no caso de reincidência*

A imigração de japoneses para o Brasil a partir do início do século XX e em especial para São Paulo, teve que superar os preconceitos expressos no decreto de 1891 e se assentou na idéia do imigrante como portador de valor positivo: o trabalho. Para Sayad, na obra já citada,

*Imigração e imigrantes só tem sentido e razão de ser se no quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os “custos” e os “lucros” e apresentarem um saldo positivo. Idealmente, a imigração deveria comportar apenas “vantagens” e no limite, nenhum “custo”. (...) Com efeito, não pode escapar a ninguém que, no fundo, é uma certa*

*definição da imigração e dos imigrantes que está em questão através do trabalho.*<sup>5</sup>

Assim, noção do *imigrante trabalho* constituiu-se como o suporte necessário para a aceitação de elementos inassimiláveis no contexto nacional. As necessidades de colonização de terras e também de mão de obra para a cafeicultura – leia-se: razões econômicas – foram mais fortes do que as de caráter mais subjetivo ou ideológico. Neste quadro, a imigração de japoneses para São Paulo já a partir dos anos 1910, formou os primeiros núcleos de colonização nas áreas de *terras livres* do litoral sul, na região do Vale do Rio Ribeira de Iguape.



Família de imigrante japonês ao lado de seu alambique. Colônia de Registro. C.1930

Acervo iconográfico do Memorial do Imigrante

Em 1911, o governo paulista formalizou a intenção de cessão ao "Syndicato de Tóquio" de 50.000 hectares de terras devolutas compreendidas, em quase sua totalidade, na região entre Registro e Sete Barras. Em 1916, foi fundada a colônia de Registro, entre os rios Ribeira de Iguape e Jacupiranga e partir de 1918, a colonização japonesa na região do Ribeira tomou impulso efetivo com a criação (1920) da colônia de Sete Barras na zona compreendida entre os rios Etá e Quilombo, ambos afluentes do Rio Ribeira de Iguape.

---

<sup>5</sup> **Op. Cit. p.p. 50**

*Palestra Proferida na Mesa-Redonda Intitulada: 1908/2008. Imigração Japonesa - Emigração Brasileira: Ambiguidades da Incorporação dos Imigrantes na Sociedade Nacional.; Local: Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - Unesp; Cidade: Marília - SP; Evento: Seminário Presenças do Passado; Departamento de Ciências Políticas e Econômicas / Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais / Grupo de Pesquisa "Estudos da Globalização" da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília*

Obedecia esta colonização a dois interesses básicos: no plano do discurso oficial, o Estado de São Paulo pretendia a *colonização* e *desenvolvimento econômico* da região. Paralelamente a estas iniciativas colonizadoras, outras levas de imigrantes japoneses inseriam-se no interior paulista, tanto em projetos de colonização de terras, quanto nas fazendas de café como mão-de-obra.

A presença e fixação de imigrantes japoneses em São Paulo, ao longo das décadas de 1910 e 1920 produziu um *sub-produto*, a princípio não desejável, para aqueles que, desde o século XIX, foram contra a sua inserção. O tempo demonstrou que a idéia do *imigrante trabalho* não poderia manter-se como um dado absoluto no processo imigratório. O imigrante, tal como a imigração para Sayad, é um sujeito complexo e *completo*. Ele porta cultura, subjetividades, anseios e necessidades de direitos e garantias que devem ser oferecidas pela sociedade hospedeira.

Em outros termos, a imigração como um dado provisório – presente inclusive no discursos dos próprios imigrantes – revela, com o tempo, a negação desse caráter. Enquanto o imigrante é *presença ausente* na comunidade nacional, enquanto ele justifica-se e é justificado apenas como força de trabalho, a comunidade hospedeira o coloca no plano da invisibilidade. *Ele está entre nós, mas por pouco tempo.! Ele está apenas de passagem! É sujeito provisório!* Esta condição de provisoriedade muitas vezes é internalizada pelo próprio imigrante que, subjetivamente, recusa-se a ser *presença presente* dadas as suas expectativas de retorno à comunidade de origem.

O tempo transforma a maior parte dos imigrantes numa *presença* não mais *ausente* na comunidade nacional, o tempo transforma-o numa *presença-presente*. É neste estado, nesta condição não mais provisória e sim definitiva, que o imigrante emerge por vezes como um *perigo* para a sociedade de destino. Os humores da economia e da política em dado momento, podem acelerar este conflito, transformando-se numa contenda entre os *nacionais* e os *estrangeiros*. O que vimos no caso europeu no início desta apresentação é a reedição, no tempo presente, do que ocorreu no Brasil nos anos 1930 e 1940.

Na década de 1930 a presença do estrangeiro em solo pátrio passou a ser motivo de preocupação do Estado. Numa referência à colonização de terras da década de 1910 temos:

*A antiga colonização oficial do Estado, que facilitava a predominância de determinadas nacionalidades (...) necessitava ser completamente modificada evitando-se que núcleos oficiais se constituíssem em organismos à parte da comunidade paulista. Isolavam-se. Representavam um verdadeiro prolongamento das pátrias de origem dos colonos estrangeiros, predominantes. A pequena assistência prestada pelo Estado não conseguia enfraquecer os vigorosos vínculos sentimentais que continuavam a prendê-los à terra natal, facilitando a formação dos quistos raciais.<sup>6</sup>*

O período entre-guerras colocava, no plano do discurso oficial a necessidade de controle sobre as populações estrangeiras no país. A fixação do imigrante no meio rural - num país de tradição agrária – era objeto de contínua vigilância a ponto de encontrarmos avaliações como esta:

*No segundo setor, com sede em Raposo Tavares: brasileiros, 4222,63 ha; japoneses, 1802,91 ha; portugueses, 595,78 ha; hespanhóis, 240,53 ha; alemães, 218,42 ha; austríacos, 112,0 ha; húngaros, 101,61 ha; suíços, 73,20 ha; italianos, 50,75 ha; russos, 49,70 ha; tchequeslovenos, 48,0 ha; ingleses, 23,36 ha. No terceiro setor, no perímetro 26, na Estrada de Rodagem Juquiá-Registro: brasileiros, 1666,68 ha; poloneses, 96,15 ha; alemães, 48,61ha; húngaros, 48,51 ha; italianos, 43,58 ha, lituanos, 23,53 ha; austríacos, 20,55 ha. De acordo com essas concessões, predomina em todos os setores, o agricultor nacional.<sup>7</sup>*

O reforço da predominância do elemento nacional nessa área de colonização soava como um alento aos que viam a presença do estrangeiro como um perigo iminente.

O trabalho de Jeffrey Lesser *A Negociação da Identidade Nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*, aponta para a mesma questão:

*O programa de homogeneização patrocinado pelo Estado, buscava proteger a identidade brasileira da inclusão das etnicidades, eliminando*

<sup>6</sup> Processo Secretaria da Agricultura. Série B, n. 6866 de 24-05-1938.

<sup>7</sup> **Relatório da Agricultura**, 1940, p.227

*os elementos mais emblemáticos das culturas imigrantes. Novas leis controlavam a entrada de estrangeiros e evitavam que eles se congregassem em comunidades residenciais. A partir de então, 30% dos habitantes das colônias tinham que ser brasileiros e nenhuma nacionalidade única poderia representar mais que 25% de seus habitantes.*<sup>8</sup>

Dessa forma, os humores da política, informados pela ventos de uma nova guerra, colocou imigrantes japoneses mas também alemães e italianos na classificação de *súditos do eixo* – referência ao eixo Berlim-Roma-Tóquio. No subtexto, estava o receio de que poderíamos ser invadidos e esta invasão ter a anuência dos imigrantes aqui estabelecidos.

Para além da vigilância sobre estas populações, o Estado agiu, por vezes, de forma mais efetiva, como foi o caso do deslocamento forçado dos *súditos do eixo* das áreas litorâneas do Estado de São Paulo a partir de 1940 e 1941.

A evasão compulsória dos *súditos do Eixo* das áreas litorâneas ganhou importância nos processos da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Consta num deles, datado de 1943, a seguinte consulta encaminhada ao Diretor da Hospedaria dos Imigrantes pelo Sr. Eurico Alves Resende, prefeito de Jordanópolis.

*Estando o governo empenhado em colocar nas propriedades agrícolas do interior do Estado, súditos do eixo, venho pela presente solicitar a V.S. as seguintes informações: 1. - os mesmos sujeitar-se-ão a contratos como colonos ou meeiros por um ano?. 2. -os agricultores terão garantias por parte do governo, para a necessária disciplina desses colonos? 3. -Por quem deverá ser custeada a despesa de manutenção dos mesmos, até que sejam encaminhados da cidade para ou outro lugar de destino? (...)*<sup>9</sup>

Tão agressivos quanto o deslocamento forçado foram os processos de nacionalização de colônias de japoneses no interior de São Paulo, das quais o caso de Bastos e da Fazenda Tietê foram os mais emblemáticos.

---

<sup>8</sup> LESSER, Jeffrey. **A Negociação da Identidade Nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2001 p.p. 230

<sup>9</sup> Processo Secretaria da Agricultura. Série B, n. 21853 de 23.06.1946.

A reação dos imigrantes a este ambiente hostil foi a criação de uma identidade hifenizada. O ser *nipo-brasileiro* passou a constituir-se nos anos 1940 uma estratégia importante para ressignificar as tensões criadas por uma imigração que já havia perdido seu caráter de transitoriedade e em tempos marcados pela obscuridade da guerra.

Mesmo pós o conflito, o episódio da *Shindo Renmei* abalou por algum tempo as relações entre a comunidade japonesa com a *comunidade nacional*. Segundo Lesser,

*A polícia prendeu quatrocentos integrantes da Shindo Renmei e programou para inícios de 1946 a deportação de oitenta de seus líderes. Esse fato agravou a tensão, e foi solicitado ao governo japonês que enviasse ao Brasil documentos que deixassem clara a vitória dos Aliados<sup>10</sup>.*

O caso da imigração japonesa, particularmente os aspectos aqui apresentados relativos ao período da Segunda Guerra Mundial, demonstram que as migrações possuem um radical, capaz de testar qual a capacidade que a sociedade hospedeira em agregar o diferente, o diverso, o estrangeiro. Nesta perspectiva e assim representada, a imigração japonesa para o Brasil nos coloca – guardadas as devidas ressalvas de tempo histórico – próximos aos italianos atualmente.

Esta afirmação talvez possa gerar algum incômodo; muitos de nós somos aqui filhos e netos de imigrantes e vivemos igualmente ambigüidades em nossos vínculos identitários. De qualquer forma, penso que as *presenças do passado* nos auxiliam na compreensão do tempo contemporâneo como algo composto tanto por presenças como por ausências. No que compete aos fenômenos migratórios a sua sucessão no tempo tem a capacidade de ressignificar as negatividades colocando-as no plano das positivities.

O que quero afirmar é que, assim como no tempo pretérito houve a imigração de italianos, portugueses e espanhóis, por exemplo, as migrações se sucedem e trasmutam-se nos tempos; velhos fluxos imigratórios são substituídos por novos – como o caso dos bolivianos atualmente. É como se o *estranhamento* ao diferente, ao

---

<sup>10</sup> LESSER, Jeffrey. **Op. Cit.** p.p. 247

exótico, passasse de uma comunidade nacional para outra. O tempo das migrações, numa dada sociedade, tem a capacidade em absorver o diferente *antigo* – agora integrado e cujas representações culturais, lingüísticas ou religiosas são incorporadas no seio da comunidade nacional - ao passo que, ao mesmo tempo, o tempo das migrações, produz a recusa ao diferente *novo*, compreendido aqui como a nova leva migratória que, igualmente às pretéritas, também trazem seus modos, cheiros, gostos, sabores e crenças exóticas.

De certa forma, felizmente, ao menos é o que eu espero, foi o que ocorreu com a imigração japonesa.

Partindo dessa idéia e para finalizar, quero fazer uma última reflexão. Não sei se é do conhecimento de todos, mas os departamentos de ensino desta Faculdade são convidados a produzirem artigos que são publicados num jornal local. Os departamentos, por sua vez, convidam os professores e é feito um cronograma no qual, a cada semana um artigo é publicado. Meses atrás e de acordo com o cronograma, escrevi um breve artigo que peço a permissão de vocês para lê-lo:

*A comemoração dos 100 anos da imigração japonesa para o Brasil tem sido e ainda será durante todo este ano, um evento de grande visibilidade. Exposições, festas, livros comemorativos, seminários, palestras, reportagens na mídia impressa, televisiva e eletrônica, procuram resgatar as múltiplas dimensões da chegada desses imigrantes no país. Abdelmalek Sayad, um argelino radicado na França e referência importante para os estudos de imigração, escreveu em sua obra A Imigração e os Paradoxos da Alteridade que o ato de migrar revela elementos importantes sobre a sociedade de origem, sobre a sociedade receptora, sobre o migrante e sobre o tempo social no qual esse deslocamento se realiza. Na reflexão de Sayad, estão contidos os múltiplos aspectos que hoje estão sendo resgatados nas festividades do centenário da imigração japonesa. Vale a pena refletir, mesmo que brevemente, sobre dois deles. O primeiro tem relação com as dificuldades de fixação de pessoas oriundas de uma cultura e história muito distintas da nossa e todo o estigma e preconceito que os*

*japoneses sofreram e tiveram que superar para serem aceitos na nova terra. O segundo, retrata as inúmeras e positivas influências da cultura japonesa incorporadas em nosso cotidiano. Estes dois aspectos revelam uma questão importante: a ambigüidade da imigração. Nos primórdios da imigração japonesa no início do século XX, a inserção de elementos estranhos a nossa cultura não foi bem avaliada por muitos brasileiros. Os japoneses faziam parte de um povo estranho, diferente, falavam uma língua incompreensível e não partilhavam de nossos valores e costumes. Hoje, eles e seus descendentes, são representados como um povo honesto, trabalhador e cujas influências foram fundamentais para o nosso desenvolvimento econômico e cultural. Ora, o que aconteceu para que a imagem negativa fosse superada por outra diametralmente oposta? O tempo que separa a chegada dos primeiros imigrantes da nossa realidade atual é com certeza uma resposta. Nestes cem anos houve a possibilidade de assimilação e hibridação de culturas que a princípio eram diferentes. O tempo demonstrou que as diferenças entre os homens – que afinal, são todos parte de uma mesma humanidade – podem e devem ser superadas. Entretanto, a comemoração do centenário da imigração japonesa recoloca outra questão. Recebemos cotidianamente levas e levas de imigrantes chineses, latino-americanos e africanos. Não recaem sobre eles, atualmente, os mesmos preconceitos que viveram os japoneses a 100 anos atrás? Não estranhamos igualmente seus costumes, culturas, línguas e biotipo? Não estamos agindo como os nossos antepassados quando viram um imigrante japonês pela primeira vez? Conseguimos enxergar nesses novos imigrantes outras expressões do humano? Em tempos de xenofobia, de criminalização da imigração (como na Europa e nos Estados Unidos) a reflexão sobre as imigrações passadas pode ser um bom caminho para encontrarmos formas de superação de nossas diferenças. Espero que possamos dar tempo ao tempo para que ele demonstre – para além de nossas diferenças - nossas semelhanças e que os migrantes sejam sempre sujeitos da humanização dos homens.*

*Palestra Proferida na Mesa-Redonda Intitulada: 1908/2008. Imigração Japonesa - Emigração Brasileira: Ambiguidades da Incorporação dos Imigrantes na Sociedade Nacional.; Local: Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - Unesp; Cidade: Marília - SP; Evento: Seminário Presenças do Passado; Departamento de Ciências Políticas e Econômicas / Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais / Grupo de Pesquisa "Estudos da Globalização" da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília*

Obrigado.

*Palestra Proferida na Mesa-Redonda Intitulada: 1908/2008. Imigração Japonesa - Emigração Brasileira: Ambiguidades da Incorporação dos Imigrantes na Sociedade Nacional.; Local: Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - Unesp; Cidade: Marília - SP; Evento: Seminário Presenças do Passado; Departamento de Ciências Políticas e Econômicas / Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais / Grupo de Pesquisa "Estudos da Globalização" da Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília*